

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 34 No. 2 Maio – Agosto 2021

RESENHA
BOOK REVIEW
RESEÑA

FUMO E ARQUEOLOGIA HISTÓRICA: O TABACO E CACHIMBOS IMPORTADOS NO BRASIL, SÉCULOS XVII AO XX

Ana Rosa Lima*, Fabiana Comerlato**

Publicado em 2020 pela editora Appris, o livro “Fumo e Arqueologia Histórica: o tabaco e cachimbos importados no Brasil, séculos XVII ao XX”, escrito pela pesquisadora Sarah de Barros Viana Hissa é, sem dúvidas, um divisor de águas nos estudos referentes a cachimbos no Brasil. Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestra em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAN/UFMG) e doutora em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGARQ/UFRJ), Sarah Hissa é autora de diversos artigos científicos e impressiona com sua habilidade em escrever sobre temas variados, lugares distantes e objetos ainda pouco estudados.

Neste livro, traz consigo o rigor científico característico da pesquisa, atrelado a uma escrita inspiradora e poética. Para além do artefato em si, a autora faz um considerável levantamento, na bibliografia nacional e estrangeira, sobre aspectos referentes ao tabaco e ao ato de fumar. Entendidos como mais do que um simples instrumento para o fumo, os cachimbos são aqui protagonistas, responsáveis por carregar questões identitárias, nacionalistas, trazer à tona discussões arqueológicas e relacionar a materialidade do artefato com a prática, sendo o produto dessa relação personificado no que a autora chama de o corpo da fumaça.

Evocar a fumaça como objeto de estudo é uma estratégia metodológica que impressiona, pois demonstra como ela pode ser um fim em si mesma, a partir dos seus significados próprios. Neste trabalho, a arqueóloga chama atenção para a materialidade da fumaça, sua cor, calor e forma ao se desmanchar no ar; ao mesmo tempo em que exalta suas características simbólicas, a partir de práticas socioculturais particulares aos seus usuários.

*Mestranda em Arqueologia e Patrimônio Cultural – PPGap/UFRB. Licenciada em História e bacharela em Humanidades pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: arqueoana@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1613-0737>

** Pós-Doutora pelo PPGSC/UFBA e pelo PPGDCI/UEFS. Doutora e Mestre em História com concentração em Arqueologia pela PUCRS. Graduada em História pela UFSC. Professora no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural, no Programa de Pós-Graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas e no Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: fabianacomerlato@ufrb.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4675-1224>

No decorrer das 259 páginas da obra, nos deparamos com todo o processo e os agentes envolvidos no ato de fumar, como o fumo, o fumante, a fumaça e os suportes (cachimbos, cigarros e charutos). No intuito de abarcar essas nuances, a autora divide o livro em três capítulos, nos quais discute sobre: (i) o fumo, (ii) contexto de produção e as análises arqueológicas dos cachimbos importados e (iii) os cachimbos no Brasil.

No primeiro capítulo, o fumo, hábito nativo americano, é associado aos seus aspectos contemplativos, medicinais, culturais e sociais. A autora versa sobre a multifuncionalidade do tabaco (entendido ao longo da história como alimento, panaceia, hábito relaxante) e seu uso individual e coletivo, além de tratar do caráter econômico que a planta adquiriu, ao ser transformada em produto e commodity, especialmente a partir do século XVII. O objeto principal das análises são os cachimbos de caulim, pouco conhecido pelos arqueólogos até o momento, no entanto isso não impediu que outras formas de consumir o tabaco, como o rapé e o próprio mascar da planta, também tenham sido exploradas pela autora.

Ao tratar do contexto de produção dos cachimbos importados no Brasil, Sarah Hissa nos mostra como a análise desses cachimbos pode contribuir para identificar, mapear e discutir relações econômicas, de troca e produção. Ademais, são características possíveis de datação as variações na forma e na marca dos cachimbos, tornando-os importantes artefatos, guias para datar camadas e sítios arqueológicos.

Os cachimbos em caulim (fabricados a partir da argila caulinítica) foram amplamente utilizados nos países da Europa por classes sociais distintas, compreendendo desde os burgueses e nobres até trabalhadores e operários. No entanto, seu uso não se restringiu a este continente, sendo comercializados para países de todo o mundo.

O capítulo dois traz à tona o processo de fabricação desses cachimbos nos centros produtores europeus com intuito de compreender tais artefatos a partir das suas características e especificidades. Questões singulares referentes a morfologia, matéria prima, aspectos estilísticos, marcas de uso, tipos de queima, padrões de quebra, uso alternativo e análises arqueométricas são relacionadas e diferenciadas a partir de cada um dos sete países citados pela autora (França, Inglaterra, Irlanda, Holanda, Alemanha, Itália e Estados Unidos). Baseando-se nas singularidades encontradas em cachimbos de diferentes localidades, a autora afirma que esses objetos carregam consigo marcas das personalidades nacionais que o fabricaram.

Dessa forma, lançando mão da Arqueologia Histórica, Sarah Hissa desenvolve uma pesquisa interdisciplinar, a partir de fontes distintas e complementares. Através de investigações em fontes primárias como jornais e periódicos, associado a uma extensa base teórica, a autora expõe dados ainda poucos discutidos na Arqueologia brasileira, como os tipos de cachimbos anunciados para venda e o preço médio de cada um deles. No que se refere aos países produtores de cachimbos, a pesquisadora mapeia as principais características presentes nestes artefatos e as diferenciações na forma como grupos de distintas nacionalidades os enxergava e os usava. A variedade e quantidade de fontes consultadas é um ponto de grande destaque neste trabalho.

O terceiro e último capítulo tem o Brasil como foco, a partir de um detalhado levantamento de 140 sítios arqueológicos históricos, nos quais foi sistematizada a ausência ou a presença de cachimbos de caulim. A autora apresenta investigações em torno dos locais em que tais cachimbos foram escavados e dos preços pelos quais eram comercializados, relacionando o cachimbo de caulim à elite brasileira, estrangeiros, marinheiros e trabalhadores do mar; diferente dos cachimbos em barro e em outras matérias-primas, que foram largamente utilizados por grupos populares.

Devido ao amplo recorte espaço-temporal da pesquisa, foi feito um levantamento não exaustivo das importações de cachimbos, com base em periódicos comerciais do século XIX. Não por acaso, os cachimbos importados em caulim foram encontrados majoritariamente em cidades litorâneas e portuárias (com ênfase nos portos de Salvador, Recife e Rio de Janeiro), corroborando a tese da autora de que a maior parte das coleções se referem especialmente a locais onde havia maior conexão com a metrópole.

Isto posto, no decorrer do livro, a pesquisadora nos leva a pensar sobre a relação entre os cachimbos de caulim e todo o processo de colonização das Américas. Enquanto no litoral sudeste e sul do país, os cachimbos de caulim foram produzidos entre os séculos XIX e XX por diferentes

nacionalidades, constata-se em Pernambuco, por exemplo, enormes coleções de cachimbos de caulim associados às ocupações holandesas e datados do século XVII.

Considerando que as ocorrências de cachimbos de caulim no interior são ínfimas se comparadas às do litoral, a autora faz uma relação entre a ocorrência destes artefatos e o colonialismo brasileiro, que seguiu um estilo de colonização litorânea, devido principalmente à defesa de terras contra investidas estrangeiras, à comunicação fácil entre colônia e metrópole e à facilidade das exportações próximas ao mar.

A partir do século XVIII, o descobrimento do ouro na região das minas resultou no processo de expansão da colonização pelo interior do Brasil; no entanto, de modo geral, não apresentaram cachimbos importados os sítios arqueológicos aqui levantados e associados ao processo de mineração, habitação e subsistência. Isso não quer dizer que as pessoas não usavam cachimbos nos sertões, e sim que não os importavam. Os cachimbos em barro foram amplamente utilizados nestes contextos; portanto, houve, em meio aos mecanismos da colonização, uma resistência ao produto globalizante, constatando-se que o cachimbo estrangeiro não adentrou de maneira significativa no território. Enquanto os cachimbos em caulim eram importados e caros, os cachimbos em barro eram produzidos localmente, acessíveis e, de certa forma, expressavam identidades nacionais.

No que concerne à Arqueologia, Sarah Hissa é um dos grandes nomes quando o assunto é análise de cachimbos. Neste recente trabalho em que discute usos e significados atrelados ao fumo, a pesquisadora, mais uma vez, nos brinda com uma metodologia impecável e uma escrita envolvente. Sendo este livro resultado da sua tese, fica fácil entender o porquê de a autora ter sido condecorada com o prêmio Excelência – Categoria Doutorado, concedido pela Sociedade de Arqueologia Brasileira, em 2019. Inovador e fascinante, “Fumo e Arqueologia Histórica: o tabaco e cachimbos importados no Brasil, séculos XVII ao XX” é uma viagem sinestésica em torno do universo da fumaça. Leitura obrigatória para todos que se interessam pelo tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HISSA, Sarah de Barros Viana. *Fumo e Arqueologia Histórica: o tabaco e cachimbos importados no Brasil, séculos XVII ao XX*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.